



## SIGNIFICANDO O SIGNIFICADO EM FILOSOFIA CLÍNICA

Maria de Lourdes F. Araújo

Como aluna iniciante em FC, é natural que durante a semana eu fique pensando no que foi estudado na aula anterior, e faço isso durante minhas caminhadas diárias em um ambiente até bem poético – muitos pássaros, árvores floridas, bares com mesinhas coloridas na calçada e ocupadas por pessoas recém-saídas de um confinamento que de poético não teve nada...

Não há dúvida de que a filosofia clínica tem me ajudado a encontrar a poesia em meu cotidiano, mas ela também tem me mostrado que alguma aridez e esforço são exigidos nos estudos que embasam a sua vivência. Como compreender a Filosofia Clínica sem saber o que têm a nos dizer os filósofos que sustentam cada um dos tópicos? Quanto se estudou até que ela fosse sistematizada? Quanto se trabalha para a sua continuidade e aprofundamento?

E essa autoconversa me leva ao objeto de estudo da última aula: o tópico 16 da EP – Significado. As palavras da professora não deixam dúvida, a pessoa pode usar os signos para comunicar não só com o outro, mas também consigo mesma, e se isso lhe for determinante – como já percebi que é para mim – ela estará sempre questionando, interpretando, buscando respostas para todas as mensagens que lhe chegam. E, de novo, como um mantra, a voz da professora: “Tudo depende do contexto e do conhecimento de como a pessoa significa seus dados de semiose...” Sim, isso acontece via interseção, pode ser até um pouco de forma intuitiva, mas comprova-se, mais uma vez, que é preciso estudar, filosofia clínica não é feita só de poesia.

Adianto que aqui não será feito nenhum estudo ou aprofundamento, apenas reflexões esparsas sobre o meu aprendizado ainda incipiente da FC. Aproveito, sim, para fazer uma aplicação da filosofia à minha área de formação – o ensino da Língua Portuguesa – e certifico-me de que a linguística também tomou a filosofia para si ao adotar a pragmática como parte importante na comunicação, complementando o campo da semântica e construindo sentidos de acordo com a interação entre quem fala e quem ouve. A pragmática nos diz que o uso da linguagem é que dá sentido ao que está sendo



dito, considerando sempre as situações concretas de interação, levando em conta o contexto, sempre: quem está dizendo? Quando? Para quem está sendo dito? Onde está sendo dito? Por exemplo, dizer que “a massa está pronta” em um restaurante tem um significado diferente de quando for dita em um palanque sindical ou político. Há muitas maneiras de dizer uma coisa e essa coisa pode significar várias coisas... O destinatário precisa operar sobre o texto, cooperar com o texto fazendo inferências, observando os pressupostos, as ambiguidades, fazendo movimentos cooperativos, interpretando os não-ditos, reconhecendo o conhecimento enciclopédico do outro e considerando também fatores socioculturais. Quando falamos, acionamos um conjunto de saberes, colocamos em funcionamento não só o sistema linguístico, mas também um sistema de regras de enciclopédia, de ideologias, de etiqueta...

Lembro agora de uma tirinha do Hagar, o Terrível, em que ele dizia: “Veja como consigo chutar minha cabeça.” O Eddie respondia: “Eu também” – e dava um chute não na própria cabeça, mas na cabeça do Hagar. Neste outro exemplo: "Levei meu cachorro para passear. Meu interlocutor diz: Eu também". Existe o conhecimento prévio de que não é comum levar o cachorro dos outros para passear.

O filósofo John L. Austin trouxe sua contribuição para a compreensão do discurso. Suas reflexões deram origem à denominada teoria dos atos de fala, trazendo uma nova concepção de linguagem, que "consiste no fato de a análise da sentença dar lugar à análise do ato de fala, do uso da linguagem em um determinado contexto, com uma determinada finalidade e de acordo com certas normas e convenções" (SOUZA FILHO: 1990). Assim, a linguagem é vista de uma nova maneira, deixando de ser entendida como uma relação direta e envolvendo o contexto para resolver o vazio entre o que se diz e o que se quer dizer.

Austin alinhou-se com Wittgenstein, para quem o signo sozinho está solto e só passa a ter sentido dentro do contexto de uso, inserido em um jogo de linguagem. Isso nega a visão formalista da língua, em que tudo se reduz à palavra, a língua vista como um código com uma correspondência direta entre o significante e o significado. Dessa forma, a palavra escrita ou falada (significante) teria o seu conceito representado no significado, baseando a comunicação apenas em estruturas linguísticas, como se fosse possível uma representação exata da realidade por meio da palavra. Isso ficou para trás, são muitas as manifestações da linguagem a que estamos expostos, e todas elas contendo informações



sobre o outro às quais precisamos estar atentos. Nem sempre a língua é o espelho do pensamento, muitos fatores extralinguísticos precisam ser considerados.

O Clínico realiza saberes linguísticos, com efeitos de sentido e de imagens na sua interseção com o partilhante, ouvindo, indo até ele para realizar (ou não) a tradução dos seus dados de semiose. Nesse sentido, a Linguística, a Filosofia da Linguagem e a Filosofia Clínica são áreas afins e muito podem se valer dessa inevitável conversação entre si.

Atribuir significados ao que nos é dito e a tudo que nos cerca faz parte de nosso dia a dia, e cada pessoa tem a sua forma de expressar e de significar tudo que a rodeia, tudo o que chega até ela. O Clínico deve observar os signos que o Partilhante apresenta, como ele está comunicando, seja pelas palavras, pelas artes em geral, pelos movimentos e gestos, até mesmo pela forma de se vestir. O desafio do filósofo clínico é o de se aproximar da singularidade do outro e, como já foi dito, essa aproximação é feita através das linguagens próprias do Partilhante (dados de semiose), levando em conta sua base categorial, reconhecendo suas vizinhanças, sua autogenia.

E quando, em constante mudança, a pessoa passa a expressar e a significar de uma forma diferente, abandonando representações que antes eram importantes e que acabam ficando pelo caminho...? É um trabalho fácil para o filósofo clínico perceber se deve ou não resgatar esses dados? Assim como a existência não é conclusiva, o significado também não é algo acabado, é um processo que vai dando sentido às coisas e ao mundo na medida em que também é afetado, sofrendo mudanças. Cabe ao Filósofo Clínico pesquisar o significado na linguagem utilizada pelo Partilhante, que significado ele atribui ao que diz, para então definir o procedimento clínico, que também é passível de mudanças.

A Filosofia Clínica demanda um longo - e também constante - aprendizado, só o conhecimento trará a segurança necessária ao trabalho do especialista. Aliando sempre a teoria à prática, e sendo ele mesmo um aprendiz, com suas próprias buscas, vivências, vizinhanças... Cora Coralina nos diz que “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada...” Então, que a caminhada seja feita de muitas caminhadas em ambientes poéticos, com jardins, muitas flores e pássaros, semeando pensamentos e colhendo poesia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes. **A Filosofia da Linguagem de J. L. Austin.** In AUSTIN, John L. - **Quando dizer é fazer.** Porto Alegre: Ciências Médicas, 1990.

## BIBLIOGRAFIA

DANTAS, Aloísio de Medeiros - **O Discurso e o Professor de Português.** Universidade Federal da Paraíba. Artigo

PAULO, Margarida Nichele Di; NIEDERAUER, Mariza Z. - **Compêndio de Filosofia Clínica.** Porto Alegre. Imprensa Livre, 2001.

PEREIRA, Izabel Cristina. **Guia de Estudos em Filosofia Clínica.** Centrofic - Centro de Filosofia Clínica de Poços de Caldas, 2020.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade.** SP, Martins Fontes 1998.